

Brincadeira e desenho como via régia ao inconsciente infantil: a brincadeira e o desenho infantil

Playing and drawing as via regia to child unconscious: playing and the children's drawing

Sulyanne da Silva Ferreira (FCRS)¹

Taís Bleicher (UFC)²

Resumo: O estudo teve como propósito realizar revisão bibliográfica acerca das questões relativas ao modo pelo qual se pode tornar possível uma análise de crianças partindo da técnica do brincar. Expõe a noção do brincar e desenhar no pensamento de Freud, Françoise Dolto, Donald Winnicott e Melanie Klein, cujas obras tomam diferentes contornos na utilização da técnica do brincar ao estabelecer uma relação analítica com crianças e compara-a a outras metodologias clínicas utilizadas na Psicanálise de crianças. A partir da produção teórica destes psicanalistas, podemos assinalar as diferentes defesas quanto à técnica do brincar e a possibilidade da substituição do método da associação livre por meio da oferta de materiais que possibilitam a expressividade, favorecendo a transferência.

Palavras-chave: Psicanálise de Crianças, Método psicanalítico, Brincar, Desenho.

Abstract: The study aimed to review the literature related to the way to make possible an analysis of children with the technique of playing. It exposes the notion of playing and drawing on the thought of Freud, Françoise Dolto, Donald Winnicott and Melanie Klein, whose works take different contours in using the technique of playing to establish an analytical relationship with children and to compare it with other clinical methods used in Psychoanalysis of children. From the theoretical production of these psychoanalysts, we can point out the different defenses of playing technique and the possibility of replacing the method of free association by offering materials that enable the expression, favoring the transference.

Keywords: Psychoanalysis of children, Psychoanalytic method, Playing, Drawing.

¹ Graduanda em Psicologia pela Universidade Católica Rainha do Sertão.

E-mail: sulyanneferreira@hotmail.com

² Doutora pela Universidade Federal do Ceará.

Introdução

A análise de crianças tem como primeiro marco a análise do “Pequeno Hans” (1909/1996). Embora Freud só tenha estado uma única vez com a criança e seu tratamento tenha sido realizado pelo pai da criança, este caso permitiu a reflexão teórico-metodológica sobre o uso da Psicanálise com crianças. Ao longo do tempo, foram-se ampliando a reflexão teórica e a pesquisa acerca dos métodos empregados em análise de criança por diversos psicanalistas, os quais nos apresentam grandes contribuições.

Diante do exposto, o presente estudo realiza revisão bibliográfica sobre a clínica psicanalítica de crianças, notadamente ao que erigiu teoricamente às bases da aplicação do brincar e desenhar na prática clínica. Além de Freud (1856 – 1939), será dado destaque às contribuições de autores mais recentes, que atuaram na condução do tratamento de crianças, como Françoise Dolto (1908 – 1988), Donald Winnicott (1896 – 1971) e Melanie Klein (1882 – 1960).

O estudo partirá de princípios que fundamentam o exercício da clínica psicanalítica infantil, especialmente a apreciação dos caminhos percorridos pelos trabalhos dos autores supracitados, cujas obras tomam diferentes contornos na utilização da técnica do brincar ao estabelecer uma relação analítica com crianças. Ao partirmos destas linhas de estudo, refletiremos, comparativamente, sobre as questões da técnica do brincar, compreendendo o que pensa cada autor sobre esta assertiva. Cada qual, a sua maneira, estabeleceu um modo de tornar uma análise praticável com crianças.

O objetivo deste artigo é apresentar, a partir de distintas vertentes teóricas e metodológicas, o modo pelo qual se pode tornar possível uma análise de crianças partindo da técnica do brincar, ao tomar como ponto crucial a afirmativa de Klein (1997) de que, “o brincar é o meio mais importante de expressão da criança” (p. 28), sendo este, portanto, um meio de expressão de seus conflitos. De modo que, conforme é aferido por Dolto (1971/1988), a criança no atendimento psicanalítico não associa livremente, de tal maneira, faz-se necessário a utilização de brinquedos e desenhos, para que se consiga obter um ganho analítico. Sabe-se que esse entendimento não é consensual entre os psicanalistas infantis. Entretanto, em al-

gumas clínicas em que a fala se encontra muito prejudicada, ele se torna mais importante.

O material utilizado em análise, aqui explicitado, relaciona-se a qualquer atividade que permita a liberação da verbalização e expressão de conflitos e afetos, perfazendo-se por meio de materiais como pintura, modelagem, brinquedos, dentre outros recursos. Parte-se do pressuposto daquilo que Nasio (2009) nos atesta quanto ao relacionar-se com uma criança que se apresenta impossibilitada em proceder qualquer manifestação de suas inquietações com palavras, possuindo apenas como modo de expressão seu corpo para manifestar-se incipientemente.

A criança, provida de discurso metonímico, com seu brincar incessante, traz-nos questões. Dessa perspectiva, segundo Molina (2011), o ato do brincar e desenhar podem ser entendidos como resultantes de um processo equivalente à formação do Inconsciente e da associação livre. Tais recursos tornam-se, desta forma, produto do laço transferencial, funcionando como objetos que facilitam a expressão da criança.

Para reaver esse entendimento, enfatiza-se os aspectos discursivos e imaginários envolvidos em suas delimitações. A análise da formação dessas noções nos põe diante de teias complexas que unem diferentes entendimentos acerca da temática, apresentadas adiante.

O ato de brincar e desenhar na perspectiva freudiana

Para realizar este estudo, faz-se necessário o retorno a alguns conceitos fundamentais, a saber, a repetição e sublimação. Siqueira, Sarué e Vinheiro (2010), em seu estudo intitulado “A interpretação e o ato na psicanálise com crianças”, afirmam que repetição e sublimação se originam, muitas vezes, sob a forma do brincar.

O analista, comumente, depara-se, no curso de suas intervenções, com o esquecimento de experiências vividas pelo analisando em decorrência de um bloqueio, isto é, do efeito repressivo sofrido sobre elas, os quais se tornam, como consequência, conteúdos inacessíveis ao sujeito. Segundo Freud, em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914/1996), a representação do esquecimento

infantil é relativo ao fenômeno psíquico, a saber, à amnésia infantil com a qual se contrabalançam as lembranças encobridoras. Nestas, conservam-se o essencial dos primeiros anos da vida infantil, as quais são extraídas por meio da análise. Em “Recordar, Repetir e Elaborar” (1914/1996) Freud menciona ainda que,

é lícito afirmar que o analisando não recorda absolutamente o que foi esquecido e reprimido, mas sim o atua. Ele não o reproduz como lembrança, mas como ato, ele o repete, naturalmente sem saber que o faz (p.148).

A partir destas considerações, pode-se suscitar que na análise com crianças, por exemplo, a repetição toma forma, em alguns casos, a partir do ato de brincar e desenhar. Contudo, faz-se necessário a apreciação dos atos falhos cometidos através dessas atividades, a fim de apreciarmos o sintoma que emerge em análise por meio dos materiais (brinquedos, desenhos, modelagem etc.), os quais possibilitam a revelação da verdade do sujeito.

Em “Além do Princípio de Prazer” (1920/1996), Freud afirma a hipótese de que as brincadeiras praticadas pelas crianças repetem tudo que lhes causaram uma grande impressão na vida real. Desta forma, ab-reagem à amplitude da impressão, passando a dominar, psiquicamente, a situação. Na obra mencionada, Freud (1920/1996) afirma:

No curso das coisas, acontece repetidas vezes que instintos individuais ou parte de instintos se mostrem incompatíveis, em seus objetivos ou exigências, com os remanescentes, que podem combinar-se na unidade inclusiva do ego. Os primeiros são então expelidos dessa unidade pelo processo de repressão, mantidos em níveis inferiores de desenvolvimento psíquico, e afastados, de início, da possibilidade de satisfação. Se subsequentemente alcançam êxito em conseguir chegar por caminhos indiretos a uma satisfação direta ou substitutiva, esse acontecimento, que em outros casos seria uma oportunidade de prazer, é sentida pelo ego como desprazer (p.26).

Tais repetições são elaboradas por meio de atuações, as quais têm como resultado último à produção de prazer. No caso das crianças, estas atuações se dariam, especialmente, por meio do ato de brincar, desenhar e através de certas atitudes recorrentes. Na Psicanálise, a utilização de materiais pode-se, em alguns casos, possibilitar a fala, seu objeto indispensável.

Diante disto, ao tomarmos como base o período de latência ou adiamento sexual da infância, em “Formação Reativa e Sublimação” (1905/1996), Freud nos aponta que “as pulsões sexuais infantis não cessam nem mesmo durante esse período de latência, mas cuja energia, é desviada do uso sexual e volta para outros fins” (p.167). Um dos fins aqui proposto, seria por meio da liberação das tensões, do que foi recalcado, a partir do contato estabelecido com os brinquedos, desenhos e a modelagem.

Essa assertiva direciona-se ao que me proponho esclarecer sobre a sublimação no processo de análise, especialmente quando esta é perpetrada a partir dos materiais citados anteriormente. A sublimação se caracteriza ao que Freud explicita em O mal-estar na civilização (1930) como sendo um processo de civilidade que:

Outros instintos são induzidos a deslocar as condições de sua satisfação, a conduzi-las para outros caminhos (...). A sublimação do instinto constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta aos instintos de forma total pela civilização (p.105).

Em “Escritores Criativos e Devaneios” (1908/1996), Freud nos apresenta uma sistematização, de forma resumida, da significância do ato de brincar da criança: seria esta a ocupação mais intensa na infância, determinada por desejos. Pode-se constatar que “ao brincar toda criança se comporta como um escritor criativo, pois cria um mundo próprio, ou melhor, reajusta os elementos de seu mundo de uma nova forma que lhe agrada” (p. 135).

Clínica psicanalítica com crianças: contribuições contemporâneas acerca da técnica do brincar

Em meados da década de vinte, duas sistematizações sobre o método da Psicanálise com crianças surgiram, empregados por Melanie Klein (1882 – 1960) e Anna Freud (1895 – 1982), cujas obras se opunham em relação à compreensão sobre a possibilidade de uma verdadeira Psicanálise com crianças. Surgem também outras formas de

trabalho analítico com crianças partindo do uso de instrumentos lúdicos, tais como os achados teóricos de Winnicott (1896 – 1971) e Dolto (1908 – 1988).

Algo é consensual quando se pensa na Psicanálise com crianças. Como dito por Anna Freud, “A conversa e a ação não podem dissociar-se no caso das crianças. Nem poderá a família do paciente ficar totalmente excluída do trabalho analítico” (Freud, 1971, p. 106). Entretanto, havia muitas diferenças sobre os meandros teórico-metodológicos desta prática.

Segundo Klein (1997), Anna Freud elaborou seu trabalho independente da técnica clássica, apontando em sua obra que não crer em uma relação puramente analítica com a criança, colocando em primeira ordem o ego infantil. Desta forma, atribui importância à situação externa, a partir de duas funções, a de analisar e educar. Contudo, Melanie Klein contrapõe-se a este método de trabalho e elabora um método de Psicanálise de crianças através do brincar, preservando os princípios fundamentais da análise de adultos, com a distinção de que os meios empregados adaptam-se à realidade psíquica da criança. De acordo com Nasio citado por Klein (1995), “uma verdadeira situação analítica só pode se estabelecer por meios analíticos” (p.147).

Por sua vez, Donald Winnicott ao tornar-se psicanalista habilitado, na Sociedade Britânica de Psicanálise, em meados de 1935, realizou supervisões com Melanie Klein, adquirindo em seus primeiros estudos de psicanálise de crianças uma herança teórica e metodológica kleiniana. No entanto, posteriormente, Winnicott constituiu um lugar em um grupo denominado de MiddleGroup, dentro da sociedade, o qual se opunha as ideias annafreudianas e kleinianas, estabelecendo uma oposição teórica e técnica, constituindo, contudo, sua própria teoria metapsicológica (Nasio, 1995).

Melanie Klein se tornou uma das grandes referências no que concerne à análise com a utilização da técnica do brincar, aplicando seus métodos com maestria. Afirma em seus escritos que, ainda que nos mais tenros anos, a criança pode apresentar não apenas impulsos sexuais, mas também, grandes desilusões. Elas ainda não seriam capazes, em análise, de associar livremente, tal como o adulto. Desta forma, o trabalho realizado para que os conflitos sejam suscitados se baseia na análise através do brincar (Klein, 1997). Desta maneira, como disse Anna Freud, “a produção de material para a intervenção tornou-se, em grande

medida, independente da vontade ou capacidade de a criança se expressar através da palavra” (Freud, 1971, p. 107). Entendendo a Psicanálise como trabalho de fazer falar (Celes, 2005), abre-se um novo campo de atuação que abrange as crianças mais novas, bebês incluídos. Melanie Klein permite ultrapassar a técnica tradicionalmente utilizada com adultos neuróticos. Outros desdobramentos teórico-metodológicos como este permitirão pensar a Psicanálise para psicóticos, compreendendo-se as múltiplas formas de fala e de escuta que não meramente verbais.

Donald Winnicott (1975) desenvolveu um método próprio de Psicanálise com crianças e direciona sua abordagem ao estudo a partir da análise de fenômenos próprios desta fase do desenvolvimento. Aponta o brincar como um fenômeno universal para aqueles que estão atravessando esse período em que prevalecem as atividades imaginativas e criadoras. Chamando atenção para o fenômeno que denomina de “transicional”, Winnicott (1975) afirma em sua obra a este respeito que “nesse ponto, meu tema se amplia para o do brincar, da criatividade e apreciação artísticas, etc.” (p.17).

Em 1939, na França, tornam-se reconhecidos os trabalhos da psicanalista e psiquiatra Françoise Dolto, especificamente ao que concerne o trabalho psicanalítico de crianças. Por meio de suas experiências, consegue transmitir um estilo próprio de ser analista, a partir de uma ética formidável em sua forma de escutar a criança. Dolto percebeu o que ela designa em seus trabalhos e em sua teoria de imagem inconsciente do corpo através de materiais tais como o desenho e a modelagem (Nasio, 2009).

O brincar e o desenho na teoria kleiniana e doltoniana têm o valor de expressão de fantasias, angústias e desejos infantis de um modo simbólico. Ao tomarmos como base as proposições de ambas às autoras, pode-se constatar que, embora o material fornecido pelas crianças por meio da utilização deste método seja uma forma válida de análise, não devemos nos deter a esta técnica. Isto é, não se deve apreender apenas a análise da significação dos símbolos de forma isolada na brincadeira, a fim de desvelar os “problemas” demarcados. Estes não são materiais suficientes em si, para fazermos interpretações diretas, uma vez que, “a análise de crianças pequenas tem mostrado repetidamente quantos significados diferentes pode ter um único brinquedo ou um único segmento de uma brincadeira e que só podemos inferir e inter-

pretar o seu significado quando considerarmos suas conexões mais amplas e a situação analítica que se insere” (Klein, 1997, p. 27-28).

Segundo Melanie Klein, ao fazer uso da técnica do brincar, tornar-se-á perceptível, ao longo da metodologia de trabalho, que as crianças façam diferentes associações aos elementos de suas brincadeiras. Um fator determinante para esta análise seria a de levar em conta o material que as crianças escolhem durante a sessão, o modo como o utiliza e os meios que escolhem para suas representações, avaliando o motivo por que passam de uma brincadeira para outra (Nasio, 1995).

Esta é uma das críticas que Anna Freud faz ao entendimento de que as atividades lúdicas seriam equivalentes das associações livres. Para ela,

As associações livres do paciente adulto são produzidas na situação determinada da transferência analítica e, embora alimentadas pelas costumeiras restrições do pensamento lógico e consciente, acham-se debaixo da influência de um fim que as governa: - o de ser curado pela análise. A atividade do brinquedo desempenhada pela criança não se acha governada por qualquer intenção parecida” (p. 107).

Seria em reação a estes problemas que Anna Freud (1971) defendia outras técnicas para a Psicanálise de crianças, mas sempre buscando reproduzir a técnica da Psicanálise de adultos neuróticos para o público infantil. Embora apontasse o uso de jogos imaginativos e desenhos, analisava devaneios e sonhos comuns, reações emocionais dentro e fora das sessões, interpretando-os com a ajuda da própria criança, através da palavra.

De modo distinto, assim Dolto (1971/1988) compreendia a comunicação com as crianças:

(...) não procuramos inculcar na criança o nosso modo de ver mas, tão-somente, apresentar-lhe seus próprios pensamentos inconscientes sob o aspecto real. Tampouco falamos uma linguagem ‘lógica’ que vise ferir a inteligência da criança, que ainda não é lógica; queremos falar ao seu inconsciente – que jamais é ‘lógico’ em pessoa alguma – e é por isso que empregamos, muito naturalmente, a linguagem simbólica e afetiva, que é a dela e a afeta diretamente. (p. 132-133).

Melanie Klein (1997) afirma em seus escritos que a criança, por meio da análise e através da técnica do brincar, obtém a capacidade de adaptar-se à realidade tal como é. Frente a esta proposição, para Dolto (1971/1988) a análise de

crianças não permite o emprego do método da livre associação. Diante disto, é sugerido na análise que se faça uso do brincar, do desenho espontâneo, da conversação, com a finalidade de provocar a tomada de discurso variado da criança. Para Dolto e Nasio (2008), a criança quando desenha, sempre é a sua própria imagem que ela representa nas caricaturas, a partir disto, procuramos falar ao seu Inconsciente, fazendo uso da linguagem simbólica e afetiva, a fim de apresentar-lhe a realidade à sua maneira.

Diferente de outras práticas, Dolto (1988) afirma que:

Não procuramos inculcar na criança o nosso modo de ver mas, tão-somente, apresentar-lhe seus próprios pensamentos inconscientes sob o aspecto real. Tampouco falamos uma linguagem ‘lógica’ que vise ferir a inteligência da criança, que (é bom não esquecer) ainda não é lógica; queremos falar ao seu inconsciente – que jamais é ‘lógico’ em pessoa alguma – e é por isso que empregamos, muito naturalmente, a linguagem simbólica e afetiva, que é a dela e a afeta diretamente (Dolto, 1988, p. 132-133).

Portanto, o brincar seria uma via de acesso ao Inconsciente da criança. Winnicott, entretanto, trata o brincar como algo em si, que é em si mesmo terapêutico. Diferente dos pressupostos de Klein e Dolto, os quais centram seus interesses na descrição do uso da brincadeira por uma criança, isto é, estando “mais ocupado com a utilização do conteúdo da brincadeira do que em olhar a criança que brinca e escrever sobre o brincar como uma coisa em si” (p.67), o que Winnicott pretende esclarecer em suas obras é o brincar como uma experiência criativa, a qual consome espaço e tempo reais para o paciente (Winnicott, 1975).

Winnicott afirma que a tarefa de aceitação da realidade na tenra infância não acontece de forma satisfatória, isto é, não se completa, desta forma, abaliza-se uma relação da realidade externa e interna a fim de aliviar as tensões postas pelo real. Isto acontece por mediação do que o teórico chama de “área intermediária de experiência”, as quais são possíveis através da utilização de objetos transicionais. Em seu livro intitulado “O Brincar e a Realidade” (Winnicott, 1975), explicitamos isto ao afirmar que “essa área intermediária está em continuidade direta com a área do brincar da criança pequena que se “perde” no brincar” (p. 29). Desta maneira, Winnicott retoma, a partir da sua compreensão sobre área intermediária da ex-

periência, que compreende o lúdico e as artes, o que Freud (1911/1996) defendia para os artistas: aquelas pessoas que conseguiram circular entre fantasia e realidade sem enlouquecerem.

De modo geral, o uso de instrumentos, tais como o brinquedo, a modelagem, e o rabisco, na teoria de Klein, Dolto e Winnicott têm como principal propósito a possibilidade de construir uma comunicação com a criança. São instrumentos para a análise, de qualquer forma. No caso de Winnicott, o brincar ultrapassa a questão da técnica analítica, sendo uma das bases para o viver criativo.

Conclusão

A partir do panorama explicitado, pode-se chegar à constatação de que a construção teórica perpetrada por Freud, Klein, Winnicott e Dolto a respeito da utilização do método do brincar, desenhar, modelar etc., pressupõem a eficácia desta técnica no trabalho clínico com crianças, coerente

com a formulação psicanalítica. Há a possibilidade da substituição do método da associação livre por meio da oferta de materiais que possibilitam a expressividade, sendo este, portanto o meio pelo qual é favorecida a transferência. O cuidado necessário, entretanto, é o mesmo cuidado que se deve ter com a análise de adultos: não resumir a interpretação do brincar a uma simbologia universal, compreendendo o que constitui a especificidade de cada sujeito.

Podemos assinalar que, por meio desta técnica, o analista desempenha um papel ativo, à medida que este questiona e esclarece conteúdos essenciais para a reorganização do psiquismo. É percebido que, à exceção de Anna Freud, estas análises não têm o propósito pedagógico, isto é, o objetivo de ensinar as crianças os modos de como comportar-se, mas o de deliberar o que é suscitado em análise, com a finalidade de produzir uma variedade de discursos, pelas crianças, sobre seus conflitos.

Referências

- Celes, L. A. (2005) Psicanálise é trabalho de fazer falar, e fazer ouvir. *Psyche*, 9(16), 25-48.
- Dolto, F., & Nasio, J-D. (2008) *A criança do espelho*. (A. Telles, trad.). Rio de Janeiro: Zahar.
- Dolto, F. (1988) *Psicanálise e pediatria*. (A. Cabral, trad., 4a ed.). Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan. (Original publicada em 1971).
- Freud, A. (1971) *O tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Freud, S. (1996) *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*. Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 7, 128-229. (Original publicada em 1905).
- Freud, S. (1996) *Escritores criativos e devaneios*. Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 9, 135-143. (Original publicada em 1908 [1907]).
- Freud, S. (1996) *Duas Histórias Clínicas (o “Pequeno Hans” e o “Homem dos Ratos”)*. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 12, 163-171. (Original publicada em 1909).
- Freud, S. (1996) *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*. Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 12, 237-244. (Original publicada em 1911).
- Freud, S. (1996) *Recordar, repetir e elaborar*. (Novas recomendações sobre a técnica da psicanálise II). Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 12, 163-171. (Original publicada em 1914).
- Freud, S. (1996) *Além do Princípio de Prazer*. Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 18, 17-72. (Original publicada em 1920).
- Freud, S. (1996) *O mal-estar na civilização*. Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 21, p.73-151. (Original publicada em 1930 [1929]).
- Freud, S. (1996) *Explicações, Aplicações e Orientações*. Em J. Strachey (org. e trad.), *Obras Clínica & Cultura*, v.2, n.1, jul-dez, 2016, 21-27

- psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira*. Rio de Janeiro: Imago, 22, pp. 135-154. (Original publicada em 1933).
- Klein, M. (1997) *A Psicanálise de crianças*. Rio de Janeiro: Imago.
- Nasio, J. D. (1995) *Introdução às obras de Freud, Ferenczi, Groddeck, Klein, Winnicott, Dolto, Lacan*. Rio de Janeiro: Zahar, 134-176.
- Nasio, J. D. (2009) *Meu corpo e suas imagens*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Siqueira, B; Sarué, S; Vinheiro, V. (2010) A interpretação e o ato na psicanálise com crianças. *Letra Freudiana*, 9, 51-60.
- Winnicott, D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago

Submetido em: 03 de março 2017

Aceito em: 30 de junho de 2017